

# EXPERIMENTALISMO, ILUMINISMO E FISIOCRATISMO NA OBRA DE UM CIRURGIÃO MODERNO

EVOcando LIMA BEZERRA (1727 - 1806)

*«Tão perito, ingenhozo, e tão discreto  
Das letras, e dos sábios tão amigo  
Que fundando no Porto Academias,  
A todas solicitou nobres principios» — D.M.P.M.B.F.\**

Perfazendo-se duzentos e sessenta anos sobre o nascimento deste ilustre limarense, justo é que evoquemos a sua memória. Pela magnitude da sua obra, mas ainda porque o significado moral e cultural das pugnas e canseiras da sua vida pode ser tido, no contexto histórico do presente, aqui e agora, como bastante exemplar.

Consagrando os méritos de uma brilhante carreira literária e científica, são seguros e relativamente numerosos os dados biográficos ao nosso dispor respeitantes a Manuel Gomes de Lima Bezerra. Há perto de quarenta anos, Júlio de Lemos, reunindo elementos dispersos e agregando-lhes novos elementos informativos, traçou, em bem fundamentado trabalho, um substancioso esboço bio-bibliográfico de Lima Bezerra, que, por isso, constituirá para nós uma referência bibliográfica obrigatória<sup>1</sup>, não obstante entendermos fazer um novo aproveitamento de dados coligidos das próprias publicações do autor.

---

\* De um «romance» em louvor do autor, precedendo as licenças do seu *Receptuario Lusitano* (Porto, 1749).

<sup>1</sup> LEMOS, Júlio de — *O Limianista Doutor Lima Bezerra, Esboço bio-bibliográfico*, sep. de «O Instituto», vol. 111.º, Coimbra Editora, 1948, 63 pp.

Filho de João Gomes de Lima e Rosa da Silva Bezerra, filha natural de Manuel Gomes Mesquita, senhor da Torre de S. Gil de Perre (concelho de Viana do Castelo)<sup>2</sup>, Manuel Gomes de Lima Bezerra nasceu a 4 de Janeiro de 1727 na freguesia de Santa Marinha de Arcozelo<sup>3</sup>, em casa da «*Rua d'além da Ponte*», então reputada *arrabalde e parte* da vila de Ponte de Lima<sup>4</sup>, e que hoje ostenta o seu nome em tocante homenagem concedida à sua memória<sup>5</sup>.

Realizados estudos preparatórios de latim e filosofia, estudou em Viana cirurgia com os cirurgiões Manuel de Amorim Dantas e José Custódio da Costa, este último cirurgião-mor dos regimentos da Província do Minho, do Hospital Real e da Misericórdia de Viana, e juiz-comissário do Cirurgião-Mor do Reino<sup>6</sup>. No que se refere àqueles primeiros estudos, mais tarde, num contexto polémico, será Lima Bezerra levado a dizer que eram esses seus mestres «de mediana capacidade»<sup>7</sup>. Já no tocante à sua preparação cirúrgica, reconhecerá, noutra ocasião, que aprendeu a cirurgia «com três Mestres muito prudentes e bem instruidos, a saber, dois Portuguezes e hum Inglez»<sup>8</sup>,

---

<sup>2</sup> Em *Os Estrangeiros no Lima*, t. II, pp. 121-124, a partir de uma referência a seu irmão João António Bezerra de Lima, professor de Retórica na Universidade de Coimbra, o autor nomeia os seus pais, e dá-nos notícia da família de sua mãe. Júlio de Lemos, *op. cit.*, pp. 3-4, transcreve o termo de registo de baptismo do autor, transmitindo-nos uma informação segundo a qual a família do pai de Bezerra era de Santa Cruz do Lima, e descendente de um Abade desta freguesia.

<sup>3</sup> Cf. *termo* de registo de baptismo transcrito por LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, pp. 3-4.

<sup>4</sup> *Os Estrangeiros no Lima*, t. I, p. 239.

<sup>5</sup> Por deliberação da C. M. de Ponte de Lima de 13-8-1904, derogando a anterior designação de *Rua da Alegria* (cf. LEMOS, Miguel dos Reys — *Estudo para os Anais Municipais de Ponte-de-Lima*, Viana do Castelo, 1936, p. 141, nota 244).

<sup>6</sup> LEMOS, Maximiano — *História da Medicina em Portugal, Doutrinas e Instituições*, vol. II, Lisboa, Manoel Gomes Ed., 1899, p. 122.

<sup>7</sup> *Reposta ao sabio author da Gazeta Literaria sobre o extracto da oração inaugural, com que se abriu a Conferencia publica da Real Academia de Cirurgia do Porto, em dia de S. Sebastião de 1761, em duas cartas, a primeira de João António Bezerra e Lima, Professor Regio de lingua Latina em Coimbra, e a segunda de Manoel Gomes de Lima, Cirurgião da Casa Real de Portugal, Ec. Author da Oração Extractada*, Lisboa, Of. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1762, p. 25.

<sup>8</sup> *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo, 1779, *Introdução*, p. 78.

referência talvez aos dois cirurgiões vianenses supra-mencionados, e a Nicols, um dos ingleses de cujo ensino viria a beneficiar no Porto.

Com efeito, visando aperfeiçoar os seus conhecimentos, depois de uma curta passagem pelo Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa, onde Bernardo Santucci, que muito contribuiu para o renascimento dos estudos anatómicos entre nós, tinha a seu cargo a cadeira de Anatomia <sup>9</sup>, Lima Bezerra veio para o Porto, — segundo ele próprio afirma no ano de 1743<sup>10</sup> —, onde, no hospital inglês, sob as vistas dos conceituados cirurgiões Nicols e Werton, completou a sua formação cirúrgica <sup>11</sup>.

Concluída muito jovem esta preparação, a par da clínica, que no Porto continuou a exercer no hospital inglês <sup>12</sup>, entregou-se a uma intensa actividade de renovação e divulgação científica.

Com efeito, fracassada em Lisboa, por falta da necessária autorização, a tentativa de Monravá y Roca <sup>13</sup>, que na capital tentou constituir uma Sociedade de Medicina, intitulada Academia Cirúrgica Ulissiponense, Manuel Gomes de Lima, em princípios de 1748, no desejo de levantar a arte cirúrgica do abatimento em que se encontrava e de elevar a instrução dos facultativos do seu tempo, procura constituir no Porto uma agremiação científica, denominada *Real Academia Cirúrgica Prototipo-Lusitanica Portuense* <sup>14</sup>. Como secretário e académico de número, logo a 22 de Fevereiro desse ano de 1748 o vemos assinar uma carta em latim dirigida à Sociedade Real de Medicina e Ciências de Sevilha, — numa iniciativa posteriormente

<sup>9</sup> Cf. LEMOS, Maximiano — *Op. cit., ibid.*, e p. 74; cf. IDEM, *A medicina em Portugal*, Porto, 1881, pp. 116-117.

<sup>10</sup> *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia, ibid.*

<sup>11</sup> Cf. MACHADO, Diogo Barbosa — *Bibliotheca Lusitana*, tomo III, p. 274.

<sup>12</sup> Cf. LEMOS, Maximiano — *História de Medicina em Portugal*, vol. II, p. 122.

<sup>13</sup> D. António de Monravá e Roca, nascido em 1671 na Vila de Pons, bispado de Urgel, Catalunha, estudara sucessivamente em Barcelona, Valência, e em Lérida, onde se doutorara; tinha vindo para Lisboa, em 1722, por influência do nosso embaixador em Madrid, para reger a cadeira de Anatomia no Hospital de Todos os Santos, mas, passados dez anos, fora aposentado por decreto de D. João V, no qual se alegava ter mostrado a experiência que a cadeira de Anatomia servira de pouca utilidade (LEMOS, Maximiano — *História da Medicina em Portugal*, vol. II, p. 79).

<sup>14</sup> MONTEIRO, Hernâni — *Origens da cirurgia portuense*, Porto, 1926, pp. 47-50.

alargada a outras academias europeias —, na intenção deliberada de relacionar a academia portuense com o labor desenvolvido nos mais importantes centros científicos estrangeiros <sup>15</sup>.

Consagrados mais tarde, oficialmente, importantes vectores do seu combate cívico e científico, numa altura, é certo, em que ser *fundador de academias* será já um título a ostentar ao lado de outros, — nem todos académicos, como o de *Doutor Filósofo* —, valerá a pena ler a retrospectiva que Lima Bezerra nos deixará traçada desses seus primeiros esforços, pois essas linhas, além de patentearem o desejo de defender uma obra e uma imagem públicas nem sempre a seu tempo compreendidas, têm o mérito de, do seu seu ponto de vista, apontarem as principais causas do malogro da primeira academia portuense:

«Considerando eu pois na cegueira, em que jazia huma grande parte dos meus companheiros, que hoje são falecidos: e que esta cegueira era prejudicial á sociedade humana, e injuriosa á nação, e á Arte, procurei remedialla pellos meios, que então me facilitarão as minhas forças, e as circunstâncias do tempo. Propuz o estabelecimento de huma Academia de Cirurgia, aonde unidos os professores da Cidade se conferisse tudo, quanto fosse conducente para o adiantamento da Arte, e para remedio das queixas, que assaltão a humana natureza. Mas que trabalhos me não forão a mim prezicos; e que despezas para conciliar as vontades? para dissipar os obstaculos, e as intrigas? e para sustentar as Sessoens, e as correspondencias de dentro e fóra do Reino? Ainda hoje me admiro do valor, da paciencia e da constancia, com que tolerei tantos montes de oppoziçoens, e de difficuldades sem desmaio algum.»

Em relação aos *Estatutos* desta Academia, «mais proprios para accomodar os muitos individuos, que pretensão lugares distinctos da Sociedade, que para regular os estudos com a utilidade que se requeria», garante-nos Lima Bezerra que as restrições com que foram confirmados por D. João V, em 5 de Setembro de 1748, deram azo a uma grande deserção dos seus sócios, uma vez que a maior parte

---

<sup>15</sup> Cf. BARRAS DE ARAGÓN, Francisco de las — *Noticia de varios documentos referentes a las relaciones científicas sostenidas entre las academias de Oporto y Sevilla en el siglo XVIII*, Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, Congreso de Oporto, t. VI, Madrid, 1921, pp. 115-117. Cf. ANDRADE, A. A. de — *Uma Academia Científica Luso-Espanhola, antes da expulsão dos jesuítas*, «Brotéria», vol. XL, 1945, p. 623.

se tinha alistado na academia «com o projecto de preferirem nos partidos Reaes, como se tinha suplicado a S. Magestade pelo Estatuto 14», graça que o monarca lhes negara «talvez até conhecer as vantagens que se seguiam de semelhante estabelecimento»<sup>16</sup>.

De facto, dissensões internas cedo o afastaram desta nascente e efémera academia<sup>17</sup>, mas logo em 1749, Manuel Gomes de Lima, de parceria com o Dr. João de Carvalho Salazar, constituiu a *Academia Médico-Portopolitana*, sob o alto patrocínio do Arcebispo de Braga D. José de Bragança, irmão do monarca reinante<sup>18</sup>. Nos termos dos Estatutos, redigidos por seu punho, e «arregrados às leis das melhores sociedades da Europa», intentaria a «*Portopolitana dos Imitadores da Natureza*» o «aumento das faculdades médica e suas ministras, seguindo as máximas da natureza, os experimentos práticos e o método experimental racional», abandonando as ideias físicas contrárias à experiência e aos «fenómenos do macrocosmo e microcosmo»<sup>19</sup>.

Tendo já na estampa padecido «*calumnias e quasi naufragio*», por parte de dois membros da academia cirúrgica portuense «que

<sup>16</sup> *Memorias chronologicas e criticas para a história da cirurgia*. Introdução, pp. 80-81.

<sup>17</sup> Pelos documentos publicados por F. de las BARRAS DE ARAGÓN, *art. cit.*, pp. 118-122, vemos que, tendo-se despedido da sociedade por carta de 28-6-1748, Gomes de Lima ainda assina, como secretário desta 1.<sup>a</sup> academia portuense, os pêsames enderessados à academia sevilhana pela morte do seu presidente D. José Cervi (carta de 8-6-48). O nome de Gomes de Lima já não figura nas listas dos *actuais académicos* que acompanha os *Estatutos* confirmados por D. João V a 5-9-1748, e, por carta datada do Porto, de 22-10-48, Alberto da Silva Freire de Andrada, *secretário-perpétuo, fundador e académico de número*, comunica à sociedade hispalense a sua expulsão «por in apto pa.os empregos desta Acad.<sup>a</sup>» (!).

<sup>18</sup> Cf. ANDRADE, A. A. de — *Vernei e a cultura do seu tempo*, Coimbra, 1966, pp. 279-284; cf. IDEM, *art. cit.*, p. 621. Sobre os objectivos, composição social, «ambições peninsulares» da Academia Portopolitana, e papel único no seu seio representado por M. Gomes de Lima Bezerra cf. PIWNIK, Marie-Hélène — *Echanges erudits dans la Péninsule Ibérique (1750-1767)*, F. C. Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris 1987, Cap. I, pp. 27-40. Esta obra notável, e que coroa toda uma série de estudos pela autora consagrados às «luzes» peninsulares, vem, finalmente, valorizar a importância que neste contexto assume a figura de M. Gomes de Lima Bezerra, e deste modo — felizmente — retirar grande parte de sentido ao impulso que nos levou à redacção das linhas que se seguem: chamar a atenção para uma figura de primeiro plano, injustamente esquecida ou subvalorizada pelos estudiosos.

fizeraõ todo o possível por sepultado no pelago do esquecimento»<sup>20</sup>, ainda nesse ano de 1749 publica o *Receptuario Lusitano*, espécie de *vade-mecum* com ensinamentos teóricos e práticos sobre várias enfermidades tratadas alfabeticamente, o primeiro tomo, — di-lo no seu depoimento o Censor do Paço —, «de huma collecção, que o Autor fes de varios remedios especiosos, com que observou sucessos felices na França, na Inglaterra e na Espanha por onde viajou, e assistiu algú tempo, e donde se recolheu aos ares pátrios, obrigado das suas queixas»<sup>21</sup>. Confessa-nos o autor que começara a escrever a obra aos 18 anos, e que optara por não introduzir a letra D no 1.º tomo para manter o pequeno volume, facilmente manuseável, do livro, e uma vez que, impressa a sua *Dissertação de Partu Caesareo*, defendida no seio da Academia Cirurgica Portuense, com que pensara fechar este tomo, tendo agregado a essa dissertação um *prelúdio*, em que dava as razões da sua saída dessa «já declinante sociedade», de que «o mundo» lhe atribuía «a fábrica», resolvera a conselho do Secretário do Real Colégio de S. Fernando de Madrid, dar «orelhas moucas» aos seus detractores, pelo que decidira não sobrecarregar o livro com o repositório das suas razões<sup>22</sup>. Barbosa Machado menciona um segundo e um terceiro tomo, embora só se imprimisse este primeiro<sup>23</sup>.

De qualquer forma, como meio e corolário da sua ingente actividade de animação académico-científica, estava lançado Lima Bezerra nos domínios da imprensa médica de divulgação; e é com efeito neste campo que o país lhe fica devendo nova iniciativa percursora: os primeiros tentames de lançamento, entre nós, de um «jornalismo médico». De facto, o *Zodiaco Lusitanico*, da responsabilidade de Lima Bezerra, escrito à imitação do *Zodiaco Médico-Galico*, ideado e composto por Nicolau de Blegny, cirurgião de Paris, e das

<sup>19</sup> *Estatuto I*, apud ANDRADE, A. A. de — *Art. cit.*, p. 623.

<sup>20</sup> *Receptuario Lusitano, Chymico-Pharmaceutico, Medico-Chirurgico ou formulario de ensinar a receitar em todas as enfermidades que assaltão ao corpo humano*, Porto, Of. Prototypa Episcopal, 1749, *Prólogo*, [p. 1].

<sup>21</sup> *Receptuario Lusitano, Censura do Doutor Joseph Roiz de Avreu, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Caza Real, e Medico da Camera do Augustissimo Monarca Dom João Quinto nosso Senhor, etc.*, qqqq2.

<sup>22</sup> *Receptuario, Prólogo*, qq2.

<sup>23</sup> *Bibliotheca Lusitana*, Tomo III, p. 279.

*Efemérides da Academia Naturae Curiosorum*, da Alemanha <sup>24</sup>, constituiu o primeiro periódico de Medicina que apareceu em Portugal: surgiu em Janeiro de 1749. Idealizado como publicação anual dividida em doze meses, onde se manifestaria a actividade da recém-constituída *Academia dos Escondidos da Cidade do Porto, Imitadores da Natureza*, como também se designava a Academia Portopolitana, de facto, deste órgão só saíra o primeiro número <sup>25</sup>. Nem por isso a ideia sucumbiu no espírito de Lima Bezerra. Novo periódico e novas publicações da sua autoria nos dão testemunho da sua tenacidade e determinação, do «génio incansável» de que se ufanava <sup>26</sup>. Independentemente de qualquer justa ponderação crítica que possam merecer, sobre este traço de carácter, são biograficamente relevantes as palavras de João António Bezerra e Lima, que, então professor régio de língua latina em Coimbra, em pública homenagem, viria a reconhecer ter tido, desde a morte do pai, um sólido apoio moral e material no seu irmão Manuel, ao mesmo tempo admirando o mérito deste por, na falta do pai, de riquezas e de mestres, com «sua incansável aplicação», ter tão largamente estendido os seus conhecimentos e erudição, «não parando nos limites da Cirurgia, da Anatomia e da Física» <sup>27</sup>.

A erecção da Academia Portopolitana, nos moldes em que esta se propunha funcionar, exprime, em grande medida, o pensamento pessoal do seu secretário, Gomes de Lima, e o resultado da sua pertinácia reformadora. Relevemos o preceito estatutário de apenas serem admitidos ao grémio da sociedade sujeitos recomendados pela sua vasta erudição, particularmente se instruídos no sistema newtoniano <sup>28</sup>, e, numa perspectiva de abertura às «luzes» de além-fronteiras, constatemos o enorme peso dos *círculos* espanhóis no conjunto

---

<sup>24</sup> ANDRADE, António Alberto — *Art. cit.*, p. 624; cf. IDEM — *Vernei e a cultura do seu tempo*, pp. 281 e 284.

<sup>25</sup> O nome completo do periódico era: *Zodiaco Lusitanico-delphico. Anatomico, Botanico, Chirurgico, Chymico, Dendrologico, Ictyologico, Lithologico, Medico, Meteorologico, Optico, Ornithologico, Pharmaceutico, e Zoologico*. Porto, 1749. No *Catalogo dos Academicos Escondidos e dos Curiosos que concorreram para este mez*, contavam-se vários estrangeiros: Boaventura Duran, cirurgião reformado do Cabido de Placencia, Felix de Figueroa, cirurgião-primeiro da Real Armada do Mediterrâneo, de Cartagena, e o inglês Doutor Roberto Bets, Médico do Hospital de Bristol.

<sup>26</sup> Cf. *Receptuario Lusitano, Prólogo*, [p. 1].

<sup>27</sup> *Reposta ao sabio author da Gazeta Literaria*, pp. 19-20.

<sup>28</sup> Cf. ANDRADE, A. A. de — *Art. cit.*, pp. 623-624.

da sociedade portopolitana. Ora, tendo confessado Lima Bezerra que, como secretário, nesta primeira fase da vida da Academia Portopolitana, pouco tempo lhe sobrava da vasta correspondência literária com os *colectores* espanhóis<sup>29</sup>, e sabendo-se que, em 1749, já se apresentava como *Colegial do Real Colégio de S. Fernando de Madrid*, título a que, passado pouco tempo, agregaria o de *Sócio da Sociedade Real das Ciências de Sevilha*<sup>30</sup>, parece legítimo pensar-se que o raio de alcance da Academia Médico-Portopolitana se alimentou em grande medida das suas relações e conhecimentos pessoais prévios. Do que não há dúvida é que de Espanha recolheu Lima Bezerra exemplos e incentivos importantes na sua actuação como homem de ciência, e como fundador e secretário da Academia<sup>31</sup>. O nível intelectual dos

<sup>29</sup> Cf. ANDRADE — *Ibid.*, p. 625.

<sup>30</sup> Com data de 3-12-1750 era passada a Gomes de Lima *Provisão Honorífica* de Sócio da Real Academia dos Médicos de Madrid, e, perante uma *Dissertação Cirúrgica* apresentada pelo autor na Real Sociedade de Ciências de Sevilha, era admitido ao *Catálogo dos seus sócios* (*Diploma* de 30-6-1752).

<sup>31</sup> Em carta de 29-7-1736, o Dr. Guilherme Jacobe, francês, doutorado pela Universidade de Montpellier em Medicina e Cirurgia, sócio e prof. de anatomia da Academia Real das Ciências de Sevilha, enviado a Paris por esta sociedade, instigava os seus consócios sevilhanos a que entrassem em correspondência com os académicos portugueses da Academia Real da História, uma vez que não se sentira capaz de corresponder à curiosidade com que, acerca desta última, se lhe manifestara o director da Academia das Ciências de Paris (cf. BARRAS DE ARAGÓN, Francisco de las — *Los estudios anatómicos durante el siglo XVIII en la Sociedad Regia de Medicina y demas ciencias de Sevilla*, Asociacion Española para el Progreso de las Ciencias, Congreso de Bilbao, Tomo II, Madrid, 1919, p. 91). Dirigindo-se à Academia Portopolitana, o Doutor José Bager, do *círculo valentino* desta academia, catedrático de Medicina na Universidade de Valência, considerava rotundamente que, antes da fundação desta sociedade científica, «La Nacion Lusitana (que dormia descansada sobre el blando lecho del ocio) teria arriesgado su recomendable honor en la dilacion», pois no entender de Marcelo Malpighi, deveriam ser consideradas «ineruditas y barbaras las Naciones donde no se admitem semejantes Sociedades para el mayor lustre de la Medicina, sin moverse por los exemplares de Francia, Alemania, Inglaterra, e Italia, donde com tanto esplendor e utilidad florecen» (*Discurso Gratulatorio* in *Diário Universal de Medicina*, Fev.º de 1764, Lisboa, Of. Patriarcal de F. Luiz Ameno, 1764, pp. 233-234). Com as suas iniciativas fundacionais procurara Lima Bezerra precisamente contribuir para invalidar tais críticas. De resto, na polémica travada com o cónego Bernardo de Lima, não revelaria o nosso cirurgião o propósito de impugnar os ultrajes de Goelick e outros autores «tão preocupados como ele» que apenas fora de Portugal achavam tudo? Como recentemente bem se advertiu, o autor da *Gazeta Literaria* e os



seus associados pode aquilatar-se se nos lembrarmos que, entre os académicos da nação vizinha, se contava o Doutor André Piquer, glória da Universidade de Valência <sup>32</sup>, e que, entre os portugueses, se contava o prestigiado Doutor João Mendes Sachetti Barbosa, que, escolhido para Pro-Presidente do *círculo eborense* da Academia, nos aparece, desde o primeiro momento, empenhado no feliz curso das suas actividades <sup>33</sup>.

Infelizmente, experimentou a academia desde o início no seu seio dissensões e rivalidades que grandemente comprometeram a proficuidade da sua acção, e, como «pelo tempo fora se foram experimentando algumas faltas», julgaram os académicos necessária uma remodelação dos seus estatutos <sup>34</sup>. Reformados em conferência de Janeiro de 1751, ficaram manuscritos esses estatutos, escritos pelo punho de Gomes de Lima e dirigidos ao Arcebispo Primaz D. José <sup>35</sup>. Neles se acentuava a via experimental, e um prudente ecletismo a nível de sistemas filosóficos. Não sabemos ao certo em que ano se extinguiu esta jovem e promissora academia. A morte do príncipe protector, ocorrida a três de Junho de 1756, terá sido golpe fatal no processo do seu desfalecimento <sup>36</sup>.

Insurgindo-se contra a ignorância dos cirurgiões no campo da anatomia, e rebatendo especialmente o livro *Luz verdadeira e reco-*

---

irmãos Gomes de Lima, revelam, para além de qualquer antagonismo, um objectivo comum, que o é também, manifestamente, por parte de significativos nomes do escol ilustrado peninsular: face às críticas (fundamentadas ou infundamentadas), solidificar o bom nome e crédito da comunidade científica ibérica no concerto das nações europeias (cf. PIWNIK, Marie Hélène — *Op. cit.*, p. 40).

<sup>32</sup> Catedrático de Anatomia na Universidade de Valência, homem de vasta cultura e escritor fecundo, dera ao prelo uma *Física moderna racional y experimental* (Valência, 1745) e uma *Lógica Moderna* (*ibid.*, 1747), obras em que ficara patente um sólido pensamento filosófico, e uma criteriosa preocupação metodológica tendente a generalizar em Espanha a observância das regras da moderna experimentação (cf. SARRAILH, Jean — *La España Ilustrada de la segunda mitad del siglo XVIII*, 5.ª Parte, Cap. I). Sobre a composição da Academia, consultem-se as listas dos seus membros publicadas nos *apêndices 1, 2 e 3* da obra de M. Hélène Piwnik, supra-citada.

<sup>33</sup> Cf. LEMOS, Maximiano — *Estudos de História da Medicina Peninsular*, Porto, 1916, p. 170; cf. ANDRADE, A. A. de — *Art. cit.*, pp. 621-622.

<sup>34</sup> Cf. ANDRADE, A. A. de — *Art. cit.*, p. 626.

<sup>35</sup> MONTEIRO, Hernâni — *Op. cit.*, pp. 354-355.

<sup>36</sup> ANDRADE, A. A. de — *Art. cit.*, p. 629.

*pilado exame de toda a chirurgia*, de António Ferreira, por onde estudavam os praticantes, Gomes de Lima deu em 1752 à estampa as *Reflexões Criticas sobre os Escriutores chirurgicos de Portugal*, impressas em Salamanca, um trabalho por si apresentado no seio da Real Academia Médico-Portopolitana e que suscitou alguma polémica <sup>37</sup>.

Na mesma linha de orientação, com os olhos no «feliz estado» da cirurgia em França e contristado pelo abatimento em que a via na sua pátria <sup>38</sup>, quatro anos depois, fez imprimir *O Practicante do Hospital Convencido, Dialogo Chirurgico sobre a Inflamação fundado nas doutrinas do incomparavel Boerhaave*, obra cujo critério científico mereceu, a par de algumas sugestões, o aplauso de Sachetti Barbosa, e que, por ser reputada de grande utilidade ao bem público, suscitou aos seus censores os mais rasgados elogios <sup>39</sup>. Com efeito, apreciando esta obra, teve Maximiano Lemos ocasião de considerar que nela conseguiu o autor, com exactidão e clareza, expor as doutrinas do famoso holandês sobre a inflamação, ao mesmo tempo se mostrando conhecedor das aplicações do termómetro à clínica, do uso do micros-

<sup>37</sup> LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, p. 12.

<sup>38</sup> *O Practicante do hospital convencido*, Porto, Of. Episcopal do Capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1756, *Prólogo*, [p. 3].

<sup>39</sup> Numa linguagem e dentro de uma lógica semelhante à dos outros censores, assim se pronunciava Pedro Alvellos Spínola (Censura do Paço): «Desafiou o Autor a emulação dos estranhos, e multiplicou a justa vaidade dos naturaes em aumentar o numero aos nacionaes Escriutores desta faculdade, e ordenando esta escritura em beneficio da Patria, lhe deve o bem publico, não só aquelle, que resulta de qualquer escrita, mas o favor singular de expor neste livro hã compendio dos mais acertados documentos, porque em tudo se conforma com as melhores opinioens (...)». Esta obra foi logo citada, no ano seguinte, pelo erudito espanhol, epígono e propagandista de Feijoo, D. Juan Luis Roche, no *Prologo Apologetico, ou Introdução á Defensa do Novo Systema dos Terremotos*, impresso com a *Dissertação do limitado poder dos Abortivos na Medicina*, na Cidade do Porto de Santa Maria, no ano de 1757. Em carta datada do dia 7 de Maio desse mesmo ano, referindo-se ao *Diálogo* composto pelo seu destinatário, Lima Bezerra, dificilmente poderia ter sido mais incisivo o elogio de D. Juan Luis Roche: «Ya ha dias, que concludy la lection de su Libro, y aun me dura el buen gusto de una obra tan perfecta, y de una critica tan arreglada, y util, de suerte que no pude menos que citar-la en mi Prologo para hacer ver a los semidoctos el verdadero methodo, con que deben governar-se las plumas delicadas, y de buen gusto.» (Cf. *Memorias chronologicas e criticas para a história da cirurgia, Introdução*, pp. 87-88).

cópia, e senhor de outros importantes conhecimentos «técnicos» nas matérias da sua especialidade <sup>40</sup>.

Em 1759, como fundador, o nome de Gomes de Lima aparece-nos ligado a uma tentativa de fazer renascer as anteriores sociedades: neste ano é criada a *Real Academia Cirúrgica Portuense*. Nesta sociedade, o nosso autor ocupava o cargo de director e consultor de Anatomia Teórica, e era presidente nato António Soares Brandão, cirurgião-mor do Reino. Na redacção dos estatutos desta Academia, datados de 8 de Janeiro de 1759, foi Gomes de Lima auxiliado pelo Dr. Manuel Freire da Paz, Médico da Relação do Porto, e pelo P.<sup>c</sup> João Saraiva Valente, Abade de Minhocelos <sup>41</sup>. Entre os objectivos desta sociedade contavam-se o da feitura de um compêndio de Anatomia e outro de Cirurgia, a publicação das memórias no seu seio apresentadas, a abertura de aulas de anatomia, de cirurgia e de obstetrícia, a construção de um teatro anatómico com os apetrechos necessários ao proficiente estudo da anatomia, e o envio, a expensas da Sociedade, de um anatomista a Paris ou a Montpellier, tendo em vista o aperfeiçoamento da sua preparação científica <sup>42</sup>. Das dificuldades de concretização destes propósitos nos fala um texto de Gomes de Lima, cinco anos posterior, em que o autor lamenta que falem em Portugal museus de física, laboratórios de química, hortos botânicos,... e *teatros anatómicos* para a instrução dos médicos <sup>43</sup>.

Sabe-se, no entanto, que já antes de 1765 o chanceler da Relação recebera ordem régia para informar sobre o estabelecimento de um teatro anatómico no Porto, e que, a tal respeito, Pedro Brown, médico da feitoria inglesa e da Relação, declarara, sob juramento, que não conhecia pessoa mais idónea para o ensino da Cirurgia e Anatomia do que Manuel Gomes de Lima <sup>44</sup>. Prosseguiu-se entretanto uma anterior linha de orientação visando o intercâmbio científico da academia portuense com instituições congêneres europeias, e, a correspondência mantida por Lima Bezerra com nomes grandes da cirurgia francesa, feitos sócios da instituição do Porto, deixa entrever alguns

---

<sup>40</sup> Cf. *História da Medicina em Portugal*, vol. II, p. 125.

<sup>41</sup> Cf. MONTEIRO, Hernâni — *Op. cit.*, p. 51 e LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, p. 14.

<sup>42</sup> Cf. MONTEIRO, Hernâni — *Ibidem*.

<sup>43</sup> Cf. *Diário Universal de Medicina*, Abril de 1764, Lisboa, Régia Of. Tipográfica, 1772, p. 34.

<sup>44</sup> MONTEIRO, Hernâni — *Op. cit.*, p. 61.

frutos, mesmo para além da troca de informações e publicações <sup>45</sup>. Assim, em carta de 23 de Setembro de 1773, o Doutor Jean la-Fosse garantia a Lima Bezerra o seu maior empenho em dirigir convenientemente, os estudos de Gomes dos Santos, um mancebo do Porto que este lhe recomendara e que se achava estudando Anatomia e Cirurgia no Colégio de S. Cosme de Montpellier <sup>46</sup>. Sabemos igualmente que no Porto, em 1777, a Academia Cirúrgica dispunha ao menos de «algvas preparacoens Anatomicas de Visceras e partes do Corpo conservadas e preparadas com as injeccoens rubras», bem como «algvas pedras ou calculos extraidos de Corpos vivos ou de cadaveres», «alguns simplius de America» e «outros remedios», disponíveis para intercâmbio com a Real Sociedade de Ciências de Sevilha <sup>47</sup>.

Importa todavia salientar que o objectivo de estabelecer uma casa própria com aulas para educação da juventude cirúrgica, dotada de moderno instrumental técnico, com sustentação de um teatro anatómico e de um horto botânico, era já desiderato da anterior Academia Portopolitana reformada, e que por isso, neste campo, Lima Bezerra, em sintonia com os nomes mais representativos do escol estrangeirado-científico luso, — Ribeiro Sanches e Jacob de Castro Sarmiento chegaram a pertencer ao *círculo eborense* da Portopolitana <sup>48</sup> —, se apresenta como um paladino de ideias em grande medida destinadas a esperarem pela consagração oficial dos *Estatutos da Universidade Restaurada de 1772*, uma glória que não deixará de invocar oportunamente <sup>49</sup>.

---

<sup>45</sup> Cf. *Cartas* publ. em *Memórias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia*, *Introdução*, pp. 91-98; em APÊNDICE *infra*.

<sup>46</sup> Cf. *ibidem*, pp. 95-98.

<sup>47</sup> Cf. *Carta* de Manuel Gomes de Lima à Real Sociedade de Ciências de Sevilha, datada do Porto, 21 de Junho de 1777, publ. por BARRAS DE ARAGÓN, Francisco de las — *Noticia de varios documentos...*, p. 123.

<sup>48</sup> Cf. ANDRADE, A.A. de — *Art. cit.*, p. 628.

<sup>49</sup> Dirá com efeito em 1779: «Reconheço a fraqueza dos meus discursos, e cada vez estou mais persuadido do pouco adiantamento, que tenho feito nas ciencias naturaes, e na Medicina, lembrando-me de continuo aquelle sapientissimo aphorismo do nosso immortal Hippocrates: *Ars longa*. Julgo porém, que se me não pode negar, que me animei e esforcei em defender huma boa cauza; e que estando fechadas no nosso Reino as portas das Sciencias pellos formidaveis obstaculos e funestissimos motivos, que se achão apontados, e demonstrados no Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra, tive eu o arrogante ardor de me atrever a superar alguns delles em hum tempo, em que para

Conhecem-se e ficaram impressas várias orações proferidas por Lima Bezerra na Real Academia Cirúrgica do Porto: da primeira sessão solene desta academia, efectuada em 9 de Junho de 1760, ficou-nos um trabalho seu intitulado *Oração inaugural, com que se abriu a conferencia publica que a Real Academia de Cirurgia da cidade do Porto fez celebrar aos felicissimos annos de El Rei nosso Senhor D. José I*; na sessão solene de 20 de Janeiro de 1761, Gomes de Lima recitou a *Oração inaugural com que abriu a Conferencia publica da Real Academia Chirurgica do Porto*; a 6 de Junho de 1763, o autor pronunciou a *Oração academica inaugural sobre os principaes progressos, que a cirurgia da Europa tem feito nos ultimos annos*; e na sessão solene de 20 de Janeiro de 1765, Bezerra proferiu nova oração, desta feita em obséquio do Conde de Oeiras<sup>50</sup>.

A antepenúltima destas orações ocasionou uma viva polémica com o cônego lóio Francisco Bernardo de Lima, autor da *Gazeta Literária*, dando azo à publicação de *cartas e respostas*, contra ou a favor dos comentários com que o referido regular acolhera a oração em causa de Gomes de Lima<sup>51</sup>. Todavia, bastante mais do que os pormenores de uma polémica ressentindo-se de rivalidades pessoais e corporativas, — e não seria esta a última em que se envolveria o

---

dar um só passo era indispensavel o calcar immensos abrolhos» (*Memórias chronológicas e criticas para a historia da cirurgia, Introdução*, pp. 98-99). O seu pioneirismo estava, evidentemente, — particularmente no que toca às doutrinas de Boerhave —, em sintonia com o conteúdo da *Carta duodécima do Verdadeiro Método de Estudar* de Verney (1746). Sobre alguns antecedentes doutrinários do que para o estudo da Medicina, passaram a estipular os *Estatutos de 1772*, como síntese, vide GUERRA, João Pedro Miller — *A reforma pombalina dos estudos médicos*, in «Pombal revistado», vol. I, Lisboa, 1984, pp. 191-207.

<sup>50</sup> Impressas respectivamente: Porto, Of. Episcopal do Capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1760; Porto, *ibid.*, 1761; in *Diario Universal de Medicina*, Lisboa, Of. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1764; Porto, Of. Ep. do Cap. M. P. Coimbra, s/d.

<sup>51</sup> Notícia e bibliografia da polémica em MONTEIRO, Hernâni — *Op. cit.*, p. 49 e LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, pp. 18-20. Deve merecer reparo que, entre outras coisas, João António Bezerra Lima, irmão do nosso autor, e escrevendo em sua defesa, critica o reparo de «affectação de magistralidade» que o cônego fizera ao «famosissimo e doutissimo Author do Verdadeiro Methodo de estudar», outrossim se limitando a aplicar o parcimonioso epíteto de *erudito* para classificar um «dos mayores Portugueses em literaturas que hoje florescem» (*Resposta ao sabio author da Gazeta Literaria*, Lisboa, 1762, Carta 1.<sup>a</sup> p. 15).

cirurgião pontelicense <sup>52</sup> —, interessa-nos dar o devido relevo a uma faceta da obra escrita de Bezerra e que fica já denunciada nas suas orações: a atenção ao devir histórico, no desejo de nele perceber as malhas do progresso, e por isso, o desejo de, como homem de ciência, fazer, ou pelo menos recapitular, a história da ciência por si professada, procurando, também por esta via, simultaneamente ser útil aos principiantes desta ciência, de acordo com o magistério de Boerhaave, tal como este ficara já estampado no *Verdadeiro Método de Estudar* <sup>53</sup>.

Com efeito, em 1762, Gomes de Lima deu ao prelo umas *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia moderna, ou noticia dos principaes progressos, revoluções e descobrimentos, seitas, privilegios, academias, obras impressas e varões famosos da Cirurgia, desde a conquista de Constantinopla pelos turcos, até o tempo presente* (Porto, Of. Ep. do Cap. Manuel Pedroso Coimbra), em cujo prólogo, reportando-se à utilidade da sua e de semelhante género de obras, deixara com clareza escrito: «Aquelle grande Medico e grande Escriitor Hollandes, o incomparavel Boerhaave fallou por huns termos tão decizivos a favor da Historia da Medicina (na qual se inclui e ocupa hum lugar concideravel a da Cirurgia), que depois de affirmar que nenhum Professor pode adquirir o conhecimento da arte de curar, sem estar cabalmente instruido nos trabalhos dos seus predecessores, accrescenta que nas nossas artes não há cousa mais util nem mais interessante (...). O famoso A. do *Novo Methodo* ainda se explica mais clara e mais fortemente, e o certo he, que não há Autor sabio, que não julgue, que o principal objecto dos Professores de Letras, he o conhecimento da Historia da sua Profissão, das suas Seytas, e revoluçoens, dos seus Escriitores, e das suas principaes obra» [p. 6].

Já no *Antelóquio às Reflexões criticas sobre os escriptores cirurgicos de Portugal* (1752) prometera publicar uma *Historia Chirur-*

---

<sup>52</sup> Com o anagrama de Lino da Gama e Lemos, Gomes de Lima subscreveu duas *Memorias*, publicadas no *Jornal Encyclopedico*, caderno de Maio e Junho de 1789, e de Abril e Maio de 1790, nas quais «analisa e censura despiudadamente» a *Bibliotheca Elementar Chirurgico-Anatomica* de Manuel de Sá Matos, Cirurgião-Mor de Infantaria no 2.º Regimento do Porto, «estomagado sem duvida» — di-lo Inocêncio — «por tal qual desfavor ou ironia com que este o tractára por vezes n'aquella obra» (*Dic. Bibl. Port.*, t. 5.º, p. 445).

<sup>53</sup> Cf. *Carta Duodécima*, vol. IV, Sá da Costa Ed., pp. 68-69.

gica, onde os leitores poderiam admirar as excelências da cirurgia, a sua origem e progressos «desde o principio do Mundo até o presente»<sup>54</sup>; em 1753, recebera para o efeito, a solicitação sua, as sugestões metodológicas da Sociedade Real das Ciências de Sevilha, e, em 1756, declarara estar a compor a referida obra<sup>55</sup>. Defrontando-se o autor, em razão do seu método, com frequentes «embarassos», tardaram a sair estas primeiras *memórias cronológicas*, que correspondem ao desejo de satisfazer as suas promessas editoriais no campo da *história cirúrgica*. É que, ciente dos «grandes predicados e especiais requisitos» que deveria ter um historiador, e ponderando nas «muitas e quasi insuperaveis leis da Historia» decidira humildemente converter a *História* em *Memórias*, de modo a, sem deixar de «fazer serviço» à Pátria e à sua arte, fornecer nelas «os materiaes para que hum sabio, que não seja Medico nem Cirurgião, escreva algum dia a Historia da Cirurgia, com aquela erudição e critério que necessita hum assumpto tão vasto e relevante»<sup>56</sup>.

Apenas em 1779 surgirão novas *memórias*: as *Memórias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia, ou noticia da origem, principios, principaes progressos, revoluções, descobrimentos, seitas, privilegios, academias, obras impressas, e varões famosos da cirurgia desde o principio do mundo até o presente* (Lx.<sup>a</sup>, Of. de António Rodrigues Galhardo); a estas *memórias* outras se deveriam seguir, mas não saiu do prelo mais nenhum outro volume. A história da cirurgia constitui mesmo assim, no conjunto da sua obra escrita, uma das áreas a que, de uma forma pessoalmente interessada, deu mais atenção, no que, mais uma vez, se manifesta a sintonia do nosso autor com as motivações do escol científico peninsular<sup>57</sup>.

Em 1764 lançou Lima Bezerra o seu segundo periódico médico, logo nesse ano anunciado nas colunas da *Gazeta de Madrid*<sup>58</sup>: o *Diario*

<sup>54</sup> Cf. *O Practicante do Hospital Convencido, Prologo* [pp. 11-13].

<sup>55</sup> *O Practicante do Hospital Convencido, Prologo*, [p. 11].

<sup>56</sup> *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia moderna*, Prólogo, [pp. 2-3].

<sup>57</sup> Cf. PESET, José Luís — *Historia de la Ciencia e Historia de la Cultura*, em «Problemáticas em História Cultural», Anexo I da «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», Porto, 1987, pp. 97-100.

<sup>58</sup> PIWNIK, Marie Hélène — *Images de la culture pombaline dans l'Espagne des Lumières*, in «O Marquês de Pombal e o seu tempo», Tomo II, Rev. de História das Ideias, Coimbra, 1982, p. 360.

*Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia & c...* Se apenas saíram os números correspondentes aos meses de Janeiro a Abril de 1764, a iniciativa demonstra, como se disse, a pertinácia do cirurgião pontelicense em perseguir idênticos fins aos que tinham ditado o aparecimento do *Zodiaco*. No *Diário de Medicina* ficaram arquivados estudos, observações e discursos produzidos pelos seus consócios e por si próprio no seio da academia portuense; mas, simultaneamente, o periódico dá-nos testemunho do cuidado posto por Gomes de Lima em drenar no meio português, cada vez mais permeável às «luzes» do século, informações úteis ao adiantamento das ciências. Por isso, o periódico recenseava criticamente *livros novos*, anunciava prêmios propostos por academias científicas estrangeiras, dava conta dos avanços conseguidos além-fronteiras na arte de curar, e até, — reflexo do lineísmo na Península e das inclinações pessoais do nosso autor —, não deixava de estampar nas suas páginas um *Catálogo alfabético das plantas que nascem no Reino de Portugal com as suas virtudes médicas*<sup>59</sup>. No *Diário de Medicina* mais uma vez podemos constatar a identificação de Lima Bezerra com a política cultural seguida por Sebastião José de Carvalho e Melo, a quem se considerava devedor do honorífico lugar de criado de El-Rei e de cirurgião da sua casa<sup>60</sup>. Assim, dirigindo-se ao monarca, apontava seis causas principais para o abatimento e desordens da Medicina em Portugal, e como primeira, indicava «*o mau methodo de ensinar que se pratica na Universidade de Coimbra*»<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> *Diario Universal de Medicina*, Abril de 1764, Lisboa, Of. Patr. Francisco Luiz Ameno, 1764, pp. 366-385.

<sup>60</sup> Cf. *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia moderna, Dedicatória*.

<sup>61</sup> *Diario Universal de Medicina*, Abril de 1764; LX.<sup>a</sup>, Regia Of. Typografica, 1772. Lima Bezerra enumerava a seguir: 2. A multidão de livros inúteis de Medicina (sem exceptuar os Franceses) que inundão o nosso Reino; 3. Os Medicos, Cirurgiões, e mais artistas delles dependentes, inhabeis, preguiçosos, e avarentos: 4. Os Empyricos, e Charlatães Nacionais, e Estrangeiros, que dis-correm pelas nossas Provincias com evidentissimos damnos: 5. A ignorância, a malícia, e a aßominavel, e notoria fraude, com que a maior parte dos Boticarios enganão os Médicos, e o público, não sabendo, ou não querendo compôr os remedios que se lhes receitão, substituindo huns por outros, censu-rando as receitas dos peritos, e inculcando outras suas empyricas, e execrandas. Finalmente a 6. A omissão, e o abuso, com que se castigão os que sem as condições precisas se fazem Medicos, Cirurgiões, e Boticarios.»



Mesmo assim, nesse ano de 1764, contando já 37 anos de idade, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, sujeitando-se com gosto «aos estudos Escolasticos da Universidade», distraíndo-se «hum pouco da lição dos Authores de observação e de prática, (que são aquelles, onde se encontra a verdadeira Medicina) porque não podia por outro caminho adquirir licença para «exercitar juntamente todas as partes da arte de curar», segundo o estatuído nas Leis do Reino <sup>62</sup>. No entanto, por provisão régia de 7 de Janeiro do ano seguinte, foram-lhe concedidos três anos para fazer os actos de Medicina e se graduar, pelo que recebia o grau de bacharel a 16 de Junho de 1765, e concluía a sua formatura a 13 de Maio de 1767 <sup>63</sup>.

Findo o curso em Coimbra, regressa ao Porto, exercendo aqui a clínica até 1797 <sup>64</sup>, período em que também o vemos, como Juiz Comissário de Cirurgia, a presidir a juris de exames de candidatos a sangrador e cirurgia <sup>65</sup>. Com efeito, numa carta a Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, datada de Coimbra, do 1.º de Janeiro de 1798, João Pedro Ribeiro noticiava já que Manuel Gomes de Lima se havia retirado do Porto, e que vivia em Ponte de Lima, *sua pátria* <sup>66</sup>.

Durante a primeira metade do ano de 1779, por instigação do Corregedor da Comarca de Viana, Manuel da Silva Baptista de Vasconcelos, e sob os auspícios do Arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, um grupo de fidalgos letrados, eclesiásticos e comerciantes, tinha constituído, em Ponte de Lima, a *Sociedade Económica dos Bons Compatriotas Amigos do Bem Público* <sup>67</sup>, uma instituição que, — talvez precedida nessa vila por uma *academia* de idêntica

<sup>62</sup> *Diario Universal de Medicina*, Abril de 1764, *ed. cit.*, *Ao leitor*.

<sup>63</sup> LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, p. 24.

<sup>64</sup> LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal*, vol. II, p. 123. O Prof. Hernâni Monteiro reproduz em *fac-simile* um recibo de honorários passado por Gomes de Lima à Irmandade dos Clérigos, referente à assistência médica por si prestada na enfermaria dessa irmandade de Agosto de 1793 a Agosto de 1794 (*op. cit.*, p. 139).

<sup>65</sup> Cf. MONTEIRO, Hernâni — *Op. cit.*, pp. 86 e 347.

<sup>66</sup> GUSMÃO, Armando Nobre de — *Catálogo da correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*, vol. III, Évora, 1946, p. 205.

<sup>67</sup> BARREIROS, Cor. José Baptista — *Ensaio de Biografia do Conde da Barca*, Braga, s/d., pp. 6-7.

designação e fins, dois anos anterior <sup>68</sup> —, à imagem das sociedades económicas dos amigos do país espanholas, se propunha, dentro do espírito da *ilustração*, divulgar a instrução e estimular o fomento regional, acalentando projectos concretos no domínio do desenvolvimento agrícola, da indústria popular, e da animação dos circuitos comerciais <sup>69</sup>. Indiscutivelmente amante da terra natal, não obstante ainda não ter vindo estabelecer residência permanente em Ponte de Lima, Lima Bezerra foi eleito, logo após a sua fundação, sócio honorário desta *Sociedade*, — cujos *estatutos* receberam aprovação régia por alvará de 5 de Janeiro de 1780 —, tendo, desde início, dado variadas provas de apreço e acompanhamento pessoal da acção prosseguida pela instituição, como o demonstram a redacção, em nome dela, de uma *memória* dirigida à Academia das Ciências de Lisboa, datada de Ponte de Lima de 8 de Janeiro de 1781, e o facto de, num relatório social do ano de 1783, constar que Lima Bezerra fizera à *Sociedade* a oferta de todas as obras da sua autoria <sup>70</sup>. Não surpreende minimamente esta eleição. Sabemos que, dos cinquenta e nove sócios contribuintes iniciais da instituição, vinte e um eram do Porto <sup>71</sup>, e Lima Bezerra, tendo então uma já larga e intensa actividade médica e cultural desenvolvida no burgo, sendo reconhecido impulsionador e animador de academias científicas, com boas relações nos meios cultos portugueses e espanhóis, — e para mais limarense —, era sem dúvida uma personalidade a quem, por todos os títulos, convinha o de *sócio honorário* da *Sociedade Económica dos Bons Compatriotas Amigos do Bem Público de Ponte de Lima*. De resto, com base na sua obra escrita, não será temerário afirmar que Gomes de Lima estava em sintonia de pensamento com os «economistas políticos» que, ao tempo, viam na criação no nosso país de *sociedades económicas* um método eficaz de secundar todas as iniciativas

<sup>68</sup> Hipótese considerada muito provável por Luis A. de Oliveira Ramos, a partir de uma referência precisa de um manuscrito do espólio do Cardeal Saraiva (*Para a História Social e Cultural, Fins do séc. XVIII — Princípios do séc. XIX*, Sep. da Rev. «Bracara Augusta», t. XXXI — fasc. 71-72 (83-84), Braga, 1977, pp. 9-10, nota 2).

<sup>69</sup> Vide AMZALAK, Moses Bensabat — *A Sociedade Económica de Ponte de Lima (Século XVIII) Apontamentos para a sua história*, Lisboa, 1950.

<sup>70</sup> Cf. LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, pp. 26-28.

<sup>71</sup> LEMOS, Miguel Roque dos Reys — *Estudo para os Anais Municipais de Ponte-de-Lima*, Viana, 1936, p. 112.

válidas do poder central que fossem no sentido da promoção da prosperidade e felicidade dos súbditos <sup>72</sup>.

Criada a Academia Real das Ciências de Lisboa, alguns meses após o início das actividades da sociedade limiana, logo o nosso autor se vê honrado com a sua nomeação como *corresponçal* daquela Academia, unindo assim, na sua pessoa, duas instituições filhas de importantes princípios comuns, e que, no espírito de alguns dos seus primeiros e mais representativos mentores, deveriam estar institucional e operativamente ligadas na prossecução dos respecticos fins <sup>73</sup>.

Havendo-se inaugurado, desde início, pela boa aceitação e aplauso com que a iniciativa limiana fora acolhida nos meios da corte ligados à fundação da Academia das Ciências —, regular e afável correspondência e intercâmbio informativo entre as duas instituições, foi já a Gomes de Lima a quem coube escrever a supra referida «*Memoria pela qual se dá conta á Academia das Sciencias de Lisboa das tranzações da Sociedade Económica da V.<sup>a</sup> de Ponte de Lima, no ano de 1780, primeiro depois da sua instituição*» <sup>74</sup>. Nesta memória, começava o autor por considerar que o progresso da agricultura na Província do Minho estaria necessariamente dependente da adopção de novas técnicas e instrumentos de cultivo, resultantes dos progressos científicos seus contemporâneos, outrossim considerando, entre a variedade de «causas extrínsecas» que prejudicavam a agricultura e eram comuns à generalidade do reino, as «indiscretas denegacoens» com que os povos se costumavam opor à exploração privada dos

---

<sup>72</sup> Vide CHICHORRO, José de Abreu Bacelar — *Memória Económica-Política da Província da Estremadura (1795)*, Publ. em 1943 com introd. e notas por M. B. AMZALAK.

<sup>73</sup> Numa carta escrita em fins de 1779 por Teodoro de Almeida ao sócio benemérito da Sociedade Económica de Ponte de Lima, Dr. João de Abreu Maia podia ler-se: «Não remetto ainda os Estatutos que com grande honra Vm.<sup>ces</sup> me mandaram; porque se com effeito levarmos ávante uma grande empreza em que andamos de formar na corte uma *Academia das Sciencias*, como ha em todas as mais nações cultas, bom seria que nos Estatutos mutuamente nos ligassemos para nos ajudar mutuamente. Ha grandes difficuldades, como sempre em tudo que é bom, contudo temos esperanças de que se desvançam. Então êste edificio scientifico, tendo escoras por todas as partes, será firme» (publ. por LEMOS, Miguel Roque dos Reis — *Op. cit.*, p. 108). Sobre as relações entre as duas agremiações, *vide ibidem*, pp. 109-110, Carta do Presidente da da Academia de 24-2-1781 à sociedade limiana.

<sup>74</sup> LEMOS, Miguel Roque dos Reis — *Op. cit.*, p. 110. ...

baldios; no referente à actividade de sociedade limiana, o autor dava conta do bom resultado na campanha de difusão da cultura das amoreiras a partir de viveiros da sociedade, incentivando inclusive a aplicação vantajosa desta espécie ao sistema da vinha de enforcado, relatava os primeiros passos nas tentativas de difusão da cultura de diferentes linhos e de luzerna, e noticiava o estabelecimento, pela sociedade, de uma escola gratuita, para as meninas pobres aprenderem a fiar em rocas de roda <sup>75</sup>.

Os temas da educação e do fomento da indústria popular, do desenvolvimento da agricultura e do comércio, mas também os grandes tópicos do debate intelectual das «luzes» no período marino, voltam a aparecer-nos em *Os Estrangeiros no Lima* (2 tomos, Coimbra, 1785 e 1791), obra de «literatura útil» que apenas se entende no contexto dos objectivos globais de «cruzada cívica» perseguidos pelas *sociedades económicas dos amigos do país*, em estreita ligação com a situação sócio-económica do Minho e da Ribeira Lima nesse tempo (conjunturalmente propício ao crescimento dos negócios e da burguesia no nosso país), e, finalmente, em conexão estreita com a actividade concreta desenvolvida no seu meio pela sociedade económica limiana.

Deve no entanto observar-se que *Os Estrangeiros no Lima* foram concebidos também como forma de o autor satisfazer as obrigações resultantes da sua condição de *correspondente* da Academia das Ciências de Lisboa. Com efeito, em carta datada do Porto, de 22 de Julho de 1780, dirigida à recém-criada e promissora instituição, escrevia Lima Bezerra: »*Eu pela minha parte (sem embargos dos meus limitadissimos talentos) empregarei todos aqueles que Deos foi servido dar-me, depois da aquisição do glorioso titulo com que VV. Ex.<sup>as</sup> me honrarão [correspondente], para o desempenho dos sabios projectos da Academia, em que tam interessada vai a honra e a conveniencia da Nação e da mesma humanidade.*» Agregando logo a seguir: »*Para esse fim continuarei sem interrupção e com desvelo (se VV. Ex.<sup>as</sup> forem servidos) huma obra com bastante adiantamento sobre a Historia Natural, Civil, Litteraria e Genealogica de huma boa parte desta Provincia do Minho*» <sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> *Memoria* publicada na íntegra por AMZALAK, M. B. — *Op. cit.*, pp. 56-58.

<sup>76</sup> Carta publicada por LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, pp. 48-49.

Obra dedicada ao Presidente e Sócios da Real Academia das Ciências, não nos surpreenderemos pois se, nas páginas de *Os Estrangeiros*, formos encontrar um largo espectro de ideias reformadoras por então com grande voga e aceitação no grémio da instituição. E, com a leitura da obra, torna-se-nos também evidente que não é meramente circunstancial ou acidental a referência feita à Sociedade de Ponte de Lima, «a primeira Sociedade Económica do Reino» (t-I, pp. 18-19), pois no referente à agricultura, ao comércio e à indústria inculcam-se algumas soluções concretas projectadas pela sociedade, e, no domínio da indústria e educação popular, nas doutrinas sobre a população, e na compreensão dos mecanismos económicos, o autor manifesta um fisiocratismo de acordo com a inspiração então dominante nas sociedades económicas espanholas. As referências várias a Campomanes, a Floridablanca, a Jovellanos, e até aos prelados espanhóis protectores da agricultura — um exemplo a alargar a Portugal (cf. t. II, pp. 37-56) —, são, também a este título, altamente eloquentes. Era fácil a este homem de ciência, que definia o médico como «ministro da natureza», conceber na vida económica a existência de uma tendência natural para a perfeição à medida que se fosse desenvolvendo o jogo espontâneo dos agentes económicos estimulado pelo lucro. Com efeito, não obstante certas aflorações de ideias mercantilistas em algumas das suas máximas sobre o comércio, é pela superação do colbertismo e da orientação económica do reinado anterior, num sentido fisiocrático, que se orienta o autor, havendo mesmo quem aparente já algumas das suas páginas com o pensamento de Adam Smith, que não citou e parece não ter lido <sup>77</sup>.

População e agricultura, sendo os dois termos inseparáveis do problema económico na doutrina fisiocrática, a ambos consagrou Lima Bezerra em *Os Estrangeiros* importante espaço <sup>78</sup>, sem deixar de inculcar o harmonioso enlace a respeitar entre o sector primário e o comércio e artes, em passagens manifestamente sintónicas com as posições defendidas por Domingos Vandelli na Academia Real das

---

<sup>77</sup> AMZALAK, Moses Bensabat — *Os estudos económicos de Manuel Gomes de Lima Bezerra*, sep. do vol. XXVIII dos «Anais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras», Lisboa, 1959, p. 49.

<sup>78</sup> Vide AMZALAK, M. B. — *As doutrinas da população em Portugal nas séculos XVII e XVIII*, Lisboa, 1947.

Ciências <sup>79</sup>. Particularmente interessante, neste campo, é a citação, crítica embora, de Wallace, um exemplo, entre outros, do impacto entre nós dos autores da filosofia social inglesa utilitária, e oportunidade para, invocando máximas da sua autoria (vol. I, p. 60), serem enumeradas, entre as causas para a depopulação de uma nação — cujo grau seria o claro indício do seu nível de prosperidade —, de razões de ordem institucional, cujo enunciado, seria pelo menos polémico, como quando entre essas razões se evocasse o vasto contingente de indivíduos celibatários por razões religiosas, o regime de amortização de terras, as regras sucessórias respeitantes ao direito da primogenitura, ou o sistema de repartição da propriedade. Pugnando contra os «estorvos» culturais à prosperidade do reino, como é natural, vamos ver Lima Bezerra defender a «mercantilização» da nobreza e da magistratura, e um conceito de honra ligado à ideia de mérito socialmente reconhecido pelo estado, de modo a que este conceito pudesse funcionar como estímulo político ao desenvolvimento das «artes úteis». No campo da educação popular, registre-se o puritanismo rigoroso com que, assaz ingenuamente, se pretende esboçar aquele que deveria ser o quadro de ocupação do tempo por parte do povo camponês, chamado a viver segundo os «princípios da natureza» (cf. vol. II, pp. 14-15), quadro esse pautado pela apologia do trabalho como acto virtuoso e pela preocupação com a produtividade, factores que, entre outras consequências, conduzem o autor à censura da prática corrente da esmola.

Ocupando-se Gomes de Lima nas páginas de *Os Estrangeiros* tão largamente da agricultura, do comércio e da indústria, entendeu dever abrir a obra expondo, com erudição, as relações entre a medicina e a economia. Tratava-se de afirmar a sua autoridade e competência neste último campo, inculcando que «um médico sábio nunca deve ser reputado pelas pessoas inteligentes estrangeiro na arte do comércio» (vol. I, p. 5), uma vez que o conhecimento da natureza e «usos de todos os três reinos, animal, vegetal e mineral», a par de uma boa formação aritmética, eram requisitos imprescindíveis ao médico e ao comerciante (*ibid.*). Era a indicação clara, desde o início, da sua perspectiva: a do homem de ciência experimental, a do naturalista, a da *filosofia natural*. E este é, de facto, um dos traços mais salientes

---

<sup>79</sup> Cf. nomeadamente *Memória sobre a preferencia que em Portugal se deve dar à Agricultura sobre as Fabricas*, em *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tom. I, Lisboa, 1789, pp. 244-253.

da obra. O botanógrafo do *Diário Universal de Medicina* volta a aparecer-nos na descrição da flora da freguesia natal, na anotação minuciosa das particularidades naturais de belas espécies arbóreas e das mais humildes plantas, na sua utilização médica, agrícola ou industrial, mas a perspectiva do naturalista é de toda a obra, porque o autor não se quis ficar nas *antiguidades*, e as matérias históricas, genealógicas e arqueológicas — reproduzindo *notícias seguras de escritores de boa nota* —, constituíam o invólucro de atracção com que procurava captar o interesse dos leitores para o domínio das *Belas Artes*, e especialmente da Agricultura e do Comércio (*Adv. preliminar*).

Lima Bezerra projectou mais uma vez em grande: segundo anunciava o respectivo prospecto de lançamento, *Os Estrangeiros no Lima* deveriam vir a contar doze tomos<sup>80</sup>, e para garantir uma mais fácil difusão da obra, Gomes de Lima procurara, previamente, organizar e divulgar uma folha de subscrições<sup>81</sup>. Além da variedade dos assuntos, — ao descrever a Ribeira Lima tratavam-se «muitos pontos de Antiguidades, Geografia, Historia Natural, Genealogia, Agricultura, Commercio, Artes e Sciencias» —, contribuiria para tornar mais atractiva a obra a forma dialogal, escolhida pelo autor, uma vez que, «ao menos nesta parte», desejava seguir o exemplo do Padre Teodoro de Almeida com o *Feliz Independente* e com as suas *Recreações Filosóficas*<sup>82</sup>. Nos meios cortesãos ligados à Academia, a sua iniciativa mereceu boa receptividade; publicado o primeiro tomo, os *Dialogos do Professor Bezerra* eram considerados um *util e bom livro* pelo Duque da Lafões<sup>83</sup>, e, a requerimento seu, a 25 de Setembro de 1787, era-lhe concedido por dez anos privilégio exclusivo para a impressão da obra, por parecer favorável da Mesa da Comissão Geral do Exame e Censura de Livros, conformando-se com as elogiosas informações do Corregedor do Cível de Lisboa e do Procurador da Coroa. Invocava o primeiro o «Plano de immenso trabalho, vasta erudição e de gran despesa, misturando sempre o util com o agradável» que, no primeiro tomo, o autor principiara a desempenhar, e entendia o segundo estar-se diante de um caso em que o benefício público, o

<sup>80</sup> LEMOS, Júlio de — *Op.cit.*, p. 30.

<sup>81</sup> LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, p. 33.

<sup>82</sup> Cf. Carta supra citada de Lima Bezerra à Academia das Ciências, publ. por LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, p. 49.

<sup>83</sup> Cf. GUSMÃO, Armando Nobre — *Op. cit.*, vol. II, Évora, 1945, p. 216.

trabalho, o zelo e o amor patriótico deveriam ser incentivados com a «Graça do Privilégio Exclusivo»<sup>84</sup>. No entanto, no segundo volume, saído do prelo apenas em 1791, na *Advertencia* que lhe antepôs, queixava-se já o autor da falta de colaboração das pessoas e instituições a quem pedira notícias e memórias dos respectivos arquivos, do mesmo passo se referindo ao pouco tempo que lhe sobrava das suas «complicadas obrigaçoens». Com efeito, as circunstâncias da sua vida apenas lhe permitiram a publicação dos dois preciosos tomos que hoje possuímos, e que a curto trecho se transformariam em raridade bibliográfica<sup>85</sup>. Frutos da mesma árvore, sujeitos às contradições da sociedade da «viradeira», tal como, cerca de um escasso ano após a publicação do Tomo I de *Os Estrangeiros no Lima*, já a *Sociedade Económica dos Amigos do Bem Público* praticamente sufocara ao peso dos seus problemas financeiros, o amplo plano de trabalho idealizado por Lima Bezerra para esta obra acabou por ficar circunscrito aos limites destes dois tomos. Observe-se mesmo assim, (como sinal, simultaneamente, da «exemplaridade» de que continuava a beneficiar a sociedade limiana e das suas dificuldades), que, ainda em 1789, referindo-se à produção de linho e cânhamo no Minho, e ao lucro que na província ficava sobre o custo do linho importado, vindo do Báltico, depois de aqui trabalhado, — tema caro à *sociedade* tratado também em *Os Estrangeiros* —, escrevia o Padre Agostinho Rebello da Costa na *Descrição Topografica e Historica da Cidade do Porto* que esses lucros duplicariam se mais portugueses quisessem agregar-se à *Sociedade dos Amigos do Bem Público de Ponte de Lima...* De qualquer forma, e para além de tudo, testemunhas da *ilustração* possível, as duas iniciativas constituem um bom documento da permeabilidade — e das resistências — da sociedade portuguesa de *Antigo regime* a princípios que, embora respeitando o quadro institucional vigente, filtrados para o nível do subsolo económico, apontavam para uma futura organização do estado e da sociedade, segundo as exigências fundamentais do ideário liberal.

---

<sup>84</sup> *Concessão do Privilégio exclusivo para a impressão de Os Estrangeiros no Lima*, doc. publ. por LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, pp. 50-51. Renovou mais tarde este pedido para todas as suas obras obtendo deferimento (cf. *Ibid.*, pp. 52-53).

<sup>85</sup> Cf. SILVA, Inocencio Francisco da — *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Impr. Nacional, 1860, t. 5.º, p. 445.



PEDRO VILAS BOAS TAVARES

De resto, tendo-se deixado sucessivamente identificar com as «luzes» oficiais, Gomes de Lima não foi desconsiderado pelo poder; assim, por portaria de 20 de Março de 1797 era nomeado Médico de Número da Casa Real, e, passados sete anos, era agraciado com o Hábito de Cristo <sup>86</sup>.

Recolhido à tranquilidade da sua Quinta do Outeiro, adquirida por compra em 1790, lugar de Oliveira, Freguesia de Fornelos, faleceu a 6 de Março de 1806, sendo sepultado na capela da Senhora da Luz, da Freguesia de Arcozelo, conforme disposição testamentária <sup>87</sup>.

*Pedro Vilas Boas Tavares*

---

<sup>86</sup> Cf. documentos publ. por LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, pp. 54-56.

<sup>87</sup> LEMOS, Júlio de — *Op. cit.*, p. 39.



LAMI: o «retrato» do autor em *Os Estrangeiros no Lima*

## APÊNDICE

### 1. Carta de Salvador Morand a M. Gomes de Lima Bezerra

*Viro inclyto, sapientissimo Regiæ Academicæ Chirurgicæ Portuensis Moderatori, & Domus Regis Fidelissimi Chirurgo Em. Gomes de Lima*

*Salvator Morandus S. D.*

*Miraberis sanè, Vir clarissime, cum tibi compertum fuerit me, nescio quo fato, litteras tuas quamvis mense Julio anni nuper elapsi conscriptas, proximo tantum tempore accepisse. Tandem ad me pervenerunt, & simul honorifica amicitia tuæ testimonia. Hoc mihi gratissimum accidit audire te inclytum Academicæ Parisiensis alumnum exarsisse ad Academicæ Portuensis creandæ cupiditatem. Præses, Moderator, Secretarius profecto digni sunt, qui illam ad excelsissimam honoris sedem promoveant, & ad Artis Chirurgicæ incrementum in optatum habeo. In Conventu Regiæ nostræ Academicæ epistoram tuam suavem legi; a te, Vir clarissime, missa opera dedi, & ab ea mandatam recepi, quo memorem erga te Academicam Portuensem præstaret animum, & programma pro præmio anni 1765. mitterem.*

*Quod ad me, Vir clarissime, litteras patentes, quibus in Academicum Sociatum adscriptus fui, in beneficii loco lubenter pono, & pro gratâ memoriâ quartum commentariorum Academicæ Parisiensis volumen nunc typis mandatam vobis mittam. Litteras patentes amico meo Lecatio destinatas curâ habebō. Pre te, Vir clarissime, meum singulare in Academicam totam Portuensem studium perveniat, vehementer etiam atque etiam rogo. Vale, Vir clarissime, & me amare perge. Dabam Parisiis de 1. Martin 1764.*

Pofcriptum.

*Il pourroit se faire que l' Academie desirât d' avoir mes titres: j' ai honneur de les lui envoyer.*

*Sauveur François Morand, Ecuyer, Chevalier de l'Ordre du Roi, Maître en Chirurgie du College de Paris, Docteur en Medicine, Censeur Royal, Chirurgien major de l' Hotel Royal des Invalides, Inspecteur General des Hopitaux Militaires, Pensionnaire de l' Academie Royale des Sciences, Secretaire de celle de Chirurgie, Associé de celles de Rouen, Londres, Petersbourg, Stockolm, Florence, Cortone, Porto, & Bologne.*

### 2. Carta de Mr. Lecat [Doutor em Medicina, Primeiro Cirurgião do Hospital de Deus de Ruão, Demonstrador Real de Anatomia e de Cirurgia,

PEDRO VILAS BOAS TAVARES

Secretário Perpétuo da Academia das Ciências da mesma Cidade, Sócio da Academia das Ciências de Paris, da Sociedade Real de Londres, e das de Madrid, Berlim, Petersburgo, da Imperial dos Curiosos da Natureza, da do Instituto de Bolonha, & c.] a M. Gomes de Lima Bezerra

MONSIEUR.

*Par le Diplome d' Associé à l' Academie de Porto, qui m'a été expédié le 11. Avril 1763. et que je n' ai reçu que le 25. Mars 1764. je vois que c' est vous qui avez eu la bonté de me proposer à cette Academie le 11. de Mars 1763. Par quel bonheur, Monsieur, ai-je pû meriter cette attention si honorable de votre part? Ne puis-je sçavoir comment j' ai l' honneur d' être connu de vous? et comment vous vous êtes déterminé à me choisir de votre plein gré, parmi tous les Chirugiens de France pour me joindre à l' Illustre Mr. Morand dans cette flatteuse association? Soyés persuadé, Monsieur, que je regarde cette distinction comme une des plus glorieuses anedoctes de ma vie, et que l' obligation, que je vous en ai, ne s' effacera jamais de ma memoire. J' ai l' honneur d' être avec la plus haute estime, et la plus vive reconnoissance, Mousieur, votre très-humble et très obeissant Serviteur = Lecat. = A Rouen ce 11. Avril 1764.*

Postscriptum.

*J' ai adressé mes remercimens pour l' Academie ce 1. de ce mois Avril à Mr. Soares Brandaõ, votre President selon l' usage. Je vous supplie neanmoins de presenter de nouveau mes respects à notre illustre Societé, et de la prier d' accepter 5. volumes de mes ouvrages en attendant les autres. Je vous en adresse un pareil nombre avec quelques brochures, et vous prie de les accepter.*

A Monsieur

Monsieur Emmanuel Gomes de Lima,  
Chirurgien de la Maison du Roi de Portugal, Directeur de l' Academie de Porto.

3. Carta de Mr. La Fosse [Doutor em Medicina, Sócio da Academia Real das Ciências de Montpellier, Demonstrador Público de Anatomia e Cirurgia no Colégio de S. Cosme da mesma Cidade] a M. Gomes de Lima Bezerra

*Monsieur le Docteur  
Emmanuel Gomes de Lima.*

*J' ai reçu avec beaucoup de reconnoissance, Monsieur, les ouvrages imprimés, que vous avez eu la bonté de m' envoyer par Mr. Gomes des Saints: je les ai parcourus avidement, quoique ils soient écrits dans une langue, qui m' est estrangere: ils m' ont paru remplis d' une profonde erudition, et sur-tout dictés par le gout de la bonne doctrine, et des*

## EXPERIMENTALISMO, ILUMINISMO E FISIOCRATISMO

connaissances reellement philosophiques. Vous êtes fait pour justifier votre nation du reproche de barbarie, qu' on lui avoit fait sans la connoitre: et vos ouvrages sont rangés dans ma Bibliothèque à côté des chefs d' auvre des grands Maitres de l' art: mais votre travail exige une continuation, et je souhaite pour les progrès de la bonne Chirurgie, que votre santé et votre loisir vous permettent de le poursuivre. Il y a près de dix ans que je travaille à un ouvrage complet de Medicine et de Chirurgie Legale: nous n' avons lá-dessus (sans excepter Zachias) que des traités remplis d' absurdités ou d' erreurs dangereuses: je souhaite que mon travail reponde à la pureté de mes intentions: mais mes infirmités ne m' ont pas encore permis d' y mettre la derniere main. Je le soumettrai à vos lumières quand il sera fini.

Je profiterai du retour de Mr. Gomes des Saints en Portugal pour vous faire parvenir quelques petits ouvrages. J' ai etendu ma Dissertation sur les contrecoups; j' en ai fait un traité pratique; et l' Academie des Sciences de Paris l' a fait imprimer dans ses Memoires de l' an 1767.

Vous pouvez être persuadé que votre recommandation est pour moi le motif le plus puissant pour m' intéresser aux succès de Mr. Gomes de Saints; j' en prendrai un soin particulier; et je me ferai un devoir de diriger ses etudes. Je suis avec respect et l' estime la plus distinguée,  
= Monsieur, et cher Docteur,

Montpellier le 23 Septemb. 1773.

Votre très-humble et très-obeissant Serviteur.  
Jean la-Fosse.